

“Guerra” e linguagem jornalística: metaforicidade e objetividade

“War” and journalistic language: metaphoricity and objectivity

José Teixeira

Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho
jsteixeira@elach.uminho.pt
ORCID: 0000-0003-2272-3464

Palavras-chave: metaforicidade; metáforas de guerra; literal-figurado; linguagem e subjetividade.
Keywords: metaphoricity; war metaphors; literal-figurative language; language and subjectivity.

1. Metáforas, guerra, vida e morte

A metáfora, pelas visões tradicionais de índole retórica, era apresentada como algo “especial” dentro da linguagem (“figura de estilo”, “desvio”) e colocada como distante do funcionamento da língua das interações quotidianas comuns.

A revolução lakoff-johnsoniana, operada neste âmbito, vai colocar o processo metafórico como processo central da comunicação, como fenómeno linguístico-cognitivo da vida do dia a dia espelhado nas mais variadas e abundantes formas e expressões linguísticas, como fica abundantemente ilustrado no já clássico *Metaphors We Live By*:

metaphor is pervasive in everyday language and thought — evidence that did not fit any contemporary Anglo-American theory of meaning within either linguistics or philosophy. Metaphor has traditionally been viewed in both fields as a matter of peripheral interest. We shared the intuition that it is, instead, a matter of central concern, perhaps the key to giving an adequate account of understanding” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 7).

Segue-se, portanto, que, se o processo metafórico é um fenómeno do quotidiano, irá espelhar as vivências desse mesmo quotidiano, em que as temáticas do viver e do lutar são eternos pontos nucleares nas interações humanas que as línguas abordam e refletem.

1.1. Metáfora é linguagem “não normal”?

A visão tradicional vê os usos metafóricos como muito divergentes e separados dos usos não metafóricos, fazendo desta separação um paralelo com a separação entre sentidos denotativos e sentidos conotativos. As expressões e palavras, nesta ótica, possuem dois níveis de significado: o objetivo e referencial (sentido denotativo) oposto a um outro contendo valores diferentes – o denotativo¹.

Os dois níveis são, assim, separados em dois planos paralelos, como duas camadas diferentes, separadas intrinsecamente por valores que configuram uma Distância Semântica² (DS) entre o figurado-não figurado:

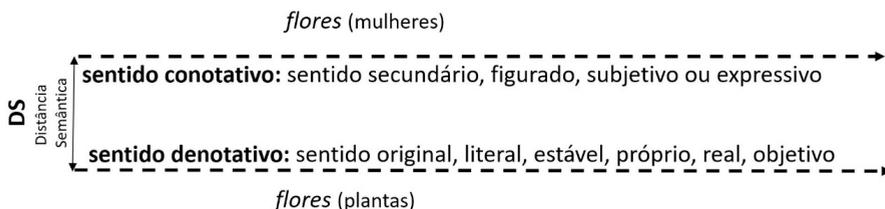


Fig. 1 – Distância Semântica entre denotação-conotação na visão tradicional

Exemplos como “As suas filhas são autênticas flores” e “No meu jardim há flores de várias cores” serviriam para exemplificar a distância semântica entre os exemplos que o esquema pretende ilustrar.

Será injustificável negar que há assinalável distância semântica entre os usos linguísticos nos exemplos apresentados, e para todos os outros em que se separa metafórico (figurado)-não metafórico (não figurado). No entanto, tal não pode implicar defender que no léxico mental existam duas zonas ou dois planos, o plano do significado denotativo e o plano do significado conotativo. Na realidade, na visão tradicional das análises sémicas componenciais, há, por definição, uma barreira mal explicada entre o sentido denotativo (“real”) e o conotativo (“figurado”).

1.2. A visão cognitiva e os dois planos tradicionais

A visão cognitiva tem, para esta questão, um outro enquadramento, porque assenta num modelo diferente de organização semântica do léxico, a Teoria do Protótipo. Cada unidade lexical não é composta por traços semânticos necessários

¹ Confirme-se esta visão “oficial” do Ministério da Educação e Ciência de Portugal no Dicionário Terminológico para o ensino secundário:

“Denotação: Significado literal e estável de uma palavra ou expressão.

Notas: Denotação define-se por oposição a conotação.

Conotação: Significado(s) secundário(s) associado(s) a uma palavra ou expressão que não corresponde(m) ao seu sentido literal.” (Dicionário Terminológico, Ministério da Educação e Ciência, consultável em <http://dt.dge.mec.pt/>)

² Para o conceito de Distância Semântica, ver Teixeira 2020.

e suficientes (CNS) e oposições antagônicas ou duais de presença/não presença de semas, mas por relações de centralidade prototípica: a organização conceitual do significado possui usos mais prototípicos e usos mais periféricos relativamente ao centro nuclear prototípico. Enquanto para a análise componencial todas as “flores” partilhariam semas/traços supostamente comuns, para a visão cognitiva, baseada na ideia de protótipo, há umas flores que são mais flores do que outras³. Por isso, desde os usos mais prototípicos até aos usos mais periféricos, pode dizer-se que há uma distância semântica que o falante conhece como maior ou menor. Dito de outro modo, se a palavra/conceito está a ser usada no sentido mais ou menos figurado⁴.

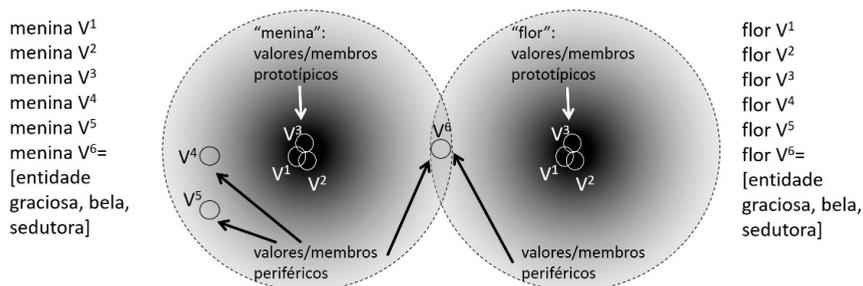


Fig. 2 – (Fonte: autor)

Como o Valor 6 de “menina” [qualquer entidade graciosa, bela, sedutora] fica afastado do valor prototípico V1 [ser humano, feminino, jovem], pode fazer parte da estruturação semântica de uma outra categoria, “flor”, que como valor periférico pode ter o mesmo Valor 6, “flor” [qualquer entidade graciosa, bela, sedutora] também afastado do valor prototípico “flor” V1 [planta pequena, com pétalas]. Nesta estruturação, não há separação rígida de planos de significado, mas uma gradação entre os vários valores ou usos dentro de cada conceito/significado. Não é preciso decidir sempre se o uso é não metafórico ou metafórico, não figurado ou figurado, denotativo ou conotativo⁵, porque ele existe num contínuo gradativo de valores semânticos.

1.3. A gradatividade no processo de construção de sentidos: metaftonímia e sintonímia

O conceito de gradatividade é fundamental para se perceber a forma como a semântica cognitiva entende os processos de significado. Eles não se repartem

³ Para este aspeto relativo à organização prototípica da concetualização, ver Teixeira 2005.

⁴ Não é muito rigoroso associar simplesmente denotação/conotação, sentido próprio/sentido figurado a membros ou usos prototípicos/membros ou usos não prototípicos, embora no processo de metaforização se possa considerar que os usos metafóricos começam por ser usos não prototípicos.

⁵ Na verdade, os falantes (e os linguistas...) têm frequentemente muita dificuldade em distinguir os usos denotativos dos conotativos quando os dois não são muito distantes.

por funcionamentos estanques em saltos quânticos, mas em *continuum* que nós, porque ainda não percebemos muito bem o respetivo funcionamento, vemos como estádios independentes e aos quais chamamos denotação, conotação, metáfora, metonímia, sinestesia, por exemplo.

É a gradatividade e implicação mútua dos processos semânticos que justifica o conceito já largamente aceite de *metaftonímia*, neste caso entre os fenómenos metafóricos e metonímicos (Goossens, 1990; Barcelona, 2000). E pode ir-se mais longe, pensamos. O funcionamento concreto da língua aponta para esta dimensão de continuidade e contiguidade entre fenómenos semânticos. A partir de inquéritos, onde se evidenciam associações que os falantes fazem entre cores e significado por nós realizados em trabalhos anteriores (Teixeira 2018, Teixeira 2022), pode inferir-se que, de forma sistemática, os falantes associam valores de significado abstrato a cores, através de mecanismos simultaneamente metonímicos, metafóricos e sintonímicos. Propusemos, em trabalhos anteriores, designar estas inter-relações metáfora-metonímia-sinestesia por *sintonímia*⁶. Nos inquéritos referidos, sobre a relação entre um grupo de provérbios e cores, constatou-se que os valores das cores acionados pelos provérbios só se conseguem explicar se aceitarmos o funcionamento conjunto e não discreto, mas contínuo, dos processos cognitivos metonímia, metáfora e sinestesia. A Figura 3 procura representar (1) a visão tradicional da separação metáfora-metonímia, (2) a integração da metaftonímia e (3) a proposta da integração sintonímica.

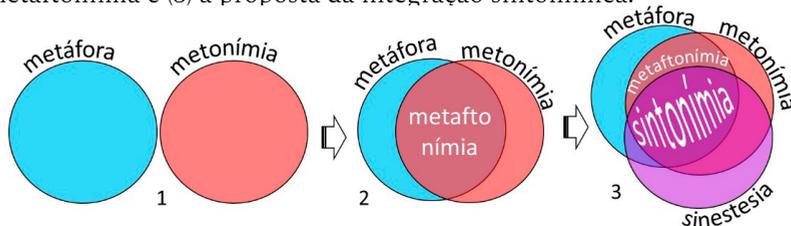


Fig. 3 - Integração entre metonímia-metáfora-sinestesia. (Fonte: autor)

1.4. Há metáforas e metáforas ...

O que vimos defendendo é que não é necessário supor dois planos distintos e opostos de significado (Figura 1), mas apenas um, em que se pode encontrar maior ou menor distância semântica entre o centro prototípico e os usos mais periféricos (Figura 2). Esta visão implica (como é proposto pela teoria do protótipo) que, cognitivamente, correlacionamos os significados e valores semânticos e relacionamo-los com o núcleo prototípico. Por isso, a distância semântica entre o sentido prototípico (dito pelo estruturalismo como “denotativo”) e os outros sentidos correlacionados (chamados “conotativos/ figurados/ metafóricos”), essa distância pode ser maior ou menor. O falante pode entender um sentido

⁶ Este aspeto da relação metonímia-metáfora-sinestesia e o conceito de *sintonímia*, aqui apenas aflorado, pode ser visto com maior desenvolvimento em Teixeira 2018 e Teixeira 2022.

como mais ou menos metafórico, na medida em que o pode perceber como estando mais ou menos afastado do sentido prototípico/central. Bons exemplos, nesta vertente, são os que envolvem os processos metafóricos do jogo de futebol como guerra/luta: em “*lutar pela bola*”, para uns, *lutar* tem um sentido muito metafórico, enquanto para outros é interpretado sem grande metaforização. O comportamento de muitos apaniguados antes e no fim de muitos jogos de futebol demonstra esta dimensão do jogo como luta.⁷

Perdoe-se recorrermos a alguns exemplos (e esquema, Figura 4) já apresentados em publicação anterior:

Na palavra *linha*, o valor/uso “*linha=linha de coser*” tem uma grande distância semântica do valor/uso “*linha em geometria euclidiana*”, já que este conceito de *linha* é anti-intuitivo porque viola os mecanismos da nossa percepção cognitiva habitual: este conceito de *linha* é de algo que só tem comprimento e não tem espessura nem largura. Já em “*o rei era a cabeça da nação*”, o desvio semântico de *cabeça*, relativamente ao protótipo *cabeça do corpo humano*, é menor: é a habitual atribuição pelos processos que são sentidos como nítidos processos de metaforização. Mas nestes processos, a dimensão de metáfora pode variar (e varia), como já atrás assinalámos, entre os falantes. E assim, a distância semântica será maior entre *cabeça do corpo humano* e *cabeça da nação* do que entre *lutar na segunda guerra mundial* e *lutar pela bola em cada jogada*. Aqui, *lutar* é “menos metáfora” do que *cabeça* nos exemplos dados, ou seja, as duas metáforas possuem diferentes distâncias semânticas entre os respetivos sentidos prototípicos e os sentidos metafóricos. (Teixeira 2020, p. 33)

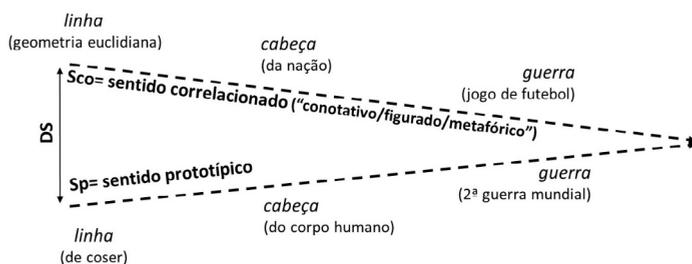


Fig. 4 – Variabilidade da distância semântica em processos de metaforização

A aceitação de que a oposição metafórico-não metafórico é gradativa é corroborada pelo debate sobre o conceito de *metaforicidade*, ou seja, a possibilidade de alguns falantes não reconhecerem metáforas onde outros reconhecem, de reconhecerem as metáforas enquanto metáforas e de intuírem que algumas metáforas são mais metafóricas do que outras⁸. A proposta da Figura 4 assenta, pois, na admissão de que a metaforicidade é uma propriedade essencial do processo metafórico, que essa propriedade se relaciona com a distância semântica entre o

⁷ Para esta temática, ver Teixeira (2010).

⁸ Para a discussão do conceito de metaforicidade, ver, entre outros, Black, 1993 [1979]; Steen, 2004; Müller, 2008, Dunn, 2011.

domínio FONTE da metáfora e o domínio ALVO e que os falantes intuitivamente conseguem perceber com sistemático sucesso a correspondente distância.

Vale, o que até aqui explanámos, que o conceito de metáfora é também ele prototípico: há algumas metáforas que são mais metáforas do que outras. Ou seja, a distância entre expressão metafórica e não metafórica não é sempre a mesma, constituindo, pelo contrário, um contínuo que se pode apresentar como separação nítida ou, ao inverso, quase identificação. E o texto jornalístico sobre “guerras” pode ser um bom exemplo sobre este aspeto do funcionamento do processo metafórico.

2. Metáforas no discurso jornalístico

2.1. Há um “Discurso Jornalístico”?

Não será aqui o local para um debate profundo sobre as várias tipologias discursivas, mas não é muito difícil aceitar que, a admitir a sua existência, o “discurso jornalístico” não pode ser “uma coisa” una.

A tipologia é comum, desde títulos de livros, anúncios de colóquios, conferências ou o nome de unidades curriculares do ensino superior.⁹

Parece-nos pacífico aceitar que a expressão “Discurso Jornalístico” não pode ser entendida como uma tipologia discursiva una, mas pode ser aceite como um conjunto textual diversificado (no sentido mais abrangente de “texto”) que engloba textos de opinião, notícias, cartunes, documentos fotojornalísticos, vídeos, memes e outras textualizações possíveis. Por isso, em vez de “Discurso jornalístico” será menos equívoco falar de “conteúdos mediáticos/nos média”.

Ora estes conteúdos, pela própria essência da finalidade dos média, procuram abarcar as principais dimensões do viver quotidiano, que, na atualidade, poder-se-ão sintetizar em três: a dimensão pragmática básica (o viver concreto num espaço concreto); a dimensão das crenças (as crenças, sobretudo as políticas e religiosas) e a dimensão lúdica (os jogos, o desporto).

2.2. Quando as reais guerras não são guerras e as metafóricas o são

Como se adivinha, nestas três dimensões não falta “Guerra” em duas vertentes:

1. *guerra*= “realidade efetiva”, sentido prototípico (as notícias da Guerra da Ucrânia, por exemplo);

⁹ A título de exemplo, veja-se, na Escola Superior de Comunicação Social, os Objetivos da Unidade Curricular: “Análise do Discurso Jornalístico visa analisar a multifuncionalidade e ideologias dos textos jornalísticos e respectiva articulação com outras práticas sociais e momentos não discursivos (contexto social, processos de produção de textos e de consumo), fornecendo, deste modo, aos alunos instrumentos teórico-metodológicos de análise e desconstrução textual, capazes de fomentar um espírito crítico relativamente ao poder e impacto da discursividade dos média”, em <https://www.escs.ipl.pt/disciplinas/licenciaturas/jornalismo/analise-do-discurso-jornalístico>, consultado em 21/12/2022.

2. *guerra*= sentido metafórico (em exemplos como a “guerra” que os sindicatos fazem ao governo).

Esperar-se-ia, portanto, que, nas diversas situações, não houvesse dúvidas se a realidade é mesmo guerra ou apenas metáfora. Mas nem sempre a separação é nítida e da mesma forma percebida por todos, como a seguir se tenta demonstrar.

2.2.1. As guerras na dimensão das crenças

Para a mundividência cristã (nas suas várias formas religiosas), esmagadoramente dominante na sociedade portuguesa, a vida religiosa é uma *luta*, contra o mal simbolizado¹⁰ no diabo/demónio/ Satanás. Nessa luta, temos a ajuda dos *soldados* do céu, os anjos (um dos quais é o “nosso” anjo “da guarda”): “Anjos têm a missão de nos proteger na luta contra satanás”¹¹, ou “10 conselhos práticos para a luta diária contra o demônio”¹², são princípios catequéticos que abundantemente se encontram nos vários domínios de apostolado cristão.

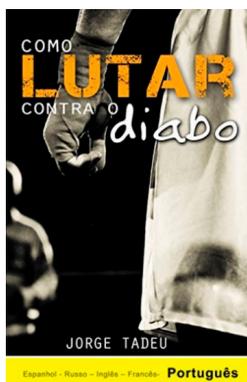


Fig. 4 – Capa de Livro de Jorge Tadeu

Esta imagética da vida religiosa como *luta* diária é cognitivamente muito profunda e por isso continua a constituir a base de correntes religiosas divergentes do cristianismo clássico. Estas correntes rebeldes podem divergir em muitas coisas, mas não nesta imagética da vida como luta diária contra o diabo. É significativa a obra do fundador de uma igreja de bastante sucesso em Portu-

¹⁰ É interessante, para o assunto deste texto (a, por vezes, difícil distinção entre metáfora e realidade), a discussão religiosa sobre se o demónio é um ser real ou um símbolo, uma metáfora do mal. Para uns, é apenas metáfora, para outros um ser real, que existe, se “mete” nos corpos reais, pode ser expulso e exorcizado.

¹¹ <https://diocesedetaubate.org.br/anjos-tem-a-missao-de-nos-proteger-na-luta-contra-satanas-afirma-francisco/>, consultado em 22/12/2022

¹² <https://www.acidigital.com/noticias/10-conselhos-praticos-para-a-luta-diaria-contra-o-demonio-55664>, consultado em 22/12/2022.

gal e Brasil, Jorge Tadeu¹³, que se intitula “Como lutar contra o diabo” e que na capa apresenta a imagem de uma luta de boxe, englobando e associando as três dimensões que neste texto apresentamos como centrais nas vivências modernas: as crenças (a obra é sobre religião), as vivências quotidianas (a obra é sobre a luta do dia a dia) e o desporto (lutar contra o diabo é metaforizado com uma luta de boxe)¹⁴.

Até que ponto esta “luta” não é mesmo entendida como uma luta? Até que ponto o diabo não é mesmo visto como um inimigo com armas mais poderosas que pistolas e bombas? Não será admissível, portanto, dizer-se que esta “luta” e “guerra” é mais real e menos figurada para uns do que para outros? Ou seja, que há graus de metaforicidade diferenciados em expressões como “lutar contra o diabo”?

Mas dentro da dimensão das crenças, mais visível (muito mais...) nos média é o quotidiano político. E aqui também não é possível fugir das metáforas da guerra.

Antes de mais, porque o debate político é, todo ele, estruturado nesta metáfora. É significativo que a célebre obra fundacional da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson apresente, logo nas primeiras páginas, o exemplo da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (ARGUMENT IS WAR):

To give some idea of what it could mean for a concept to be metaphorical and for such a concept to structure an everyday activity, let us start with the concept ARGUMENT and the conceptual metaphor ARGUMENT IS WAR. This metaphor is reflected in our everyday language by a wide variety of expressions:

ARGUMENT IS WAR

Your claims are indefensible.

He attacked every weak point in my argument. His criticisms were right on target. I demolished his argument.

I've never won an argument with him.

You disagree? Okay, shoot!

If you use that strategy, he'll wipe you out. He shot down all of my arguments.

It is important to see that we don't just talk about arguments in terms of war. We can actually win or lose arguments. We see the person we are arguing with as an opponent. We attack his positions and we defend our own. We gain and lose ground. We plan and use strategies. If we find a position indefensible, we can abandon it and take a new line of attack. Many of the things we do in arguing are partially structured by the concept of war. Though there is no physical battle, there is a verbal battle, and the structure of an argument — attack, defense, counterattack, etc. — reflects this. It is in this sense that the ARGUMENT IS WAR metaphor is one that we live by in this culture; it structures the actions we perform in arguing. (Lakoff e Johnson 1980, p. 4).

¹³ “O Apóstolo Jorge Tadeu é o fundador presidente e Apóstolo das Igrejas Maná”, in <http://www.igrejamana.com/int/inicial5.php?p=393&parent=383>, consultado em 22/12/2022.

¹⁴ Pode argumentar-se que este domínio das crenças religiosas pouco peso tem nos média, na internet e no papel publicado. Em parte, é verdade, mas apenas porque os média que veiculam este imaginário atraem grupos pouco visíveis na sociedade. No entanto, a imprensa religiosa, a nível regional, é mais numerosa e presente do que o que por vezes se pensa.

E se toda a discussão política é guerra que pode ser vista como metafórica, há vertentes dela decorrentes igualmente estruturadas na metáfora da guerra, como a de ver a intervenção social como um conjunto de lutas e batalhas para a guerra da sobrevivência. Umais mais do que outras, as ideologias políticas assentam a sua existência nesta imagética retratada pela metáfora concetual INTERVENÇÃO SOCIAL É (CONJUNTO DE) LUTAS/ BATALHAS que, como é claro, equivale à metáfora primordial INTERVENÇÃO SOCIAL É GUERRA (Figura 5).



Fig. 5 – Capas do jornal Avante com a metáfora INTERVENÇÃO SOCIAL É LUTA/ BATALHA

Até que ponto se pode tomar como completamente metafórico este valor de “luta” e o conjunto das “lutas” como “guerra”? É tudo metafórico, tão metafórico como chamar à chuva “lágrimas do céu”? Não é mais intuitivo admitir que estas “lutas” e “batalhas” são entendidas como mais metafóricas para uns e mais reais para outros, ou seja, aceitar graus de metaforização e distâncias semânticas diferentes entre a luta prototípica e a luta em sentido metafórico?

Sendo esta dimensão sociopolítica omnipresente e quotidiana na imprensa (quer na vertente do debate político, quer na das intervenções sociais que o mesmo origina), facilmente se compreende que a mesma imprensa tenha de recorrer às metáforas concetuais mais primordiais que a suportam e por isso não pode evitar as metáforas de luta e guerra.

2.2.2. As guerras no domínio do desporto

Também na linguagem desportiva (sobretudo na do futebol) dificilmente se pode evitar a omnipresente metáfora JOGO É GUERRA. As expressões utilizadas organizam-se à volta desta equivalência: um pontapé forte na bola é um “tiro/bomba”, os jogadores são “pontas de lança”, “defesas”, há um “capitão”, jogar é “lutar pela bola”, “ir para a batalha”, ganhar o jogo pode ser “massacrar, aniquilar, crucificar” os oponentes são “as hostes adversárias”, o perder é “derrocada”, um golo é um “lance fatal”, os jogadores são “guerreiros/ heróis/ soldados/ tropas”¹⁵.

¹⁵ Para uma análise sistematizada da metáfora JOGO DE FUTEBOL É GUERRA, ver Teixeira 2010.

Vejam-se algumas capas de jornais (parcialmente representadas na Figura 6) que, se não soubéssemos que se referem ao futebol, poderíamos interpretar como retratando a situação da guerra na Ucrânia:

Alguns títulos de capa de jornais desportivos que parecem apontar para o tema “GUERRA”

ATAQUE À EUROPA	ARRASADOR	VOLTA À LUTA
LEI DO MAIS FORTE	DERROCADA	PERDIDOS NA BATALHA
VERGONHA MUNDIAL	DIABÓLICOS	VALENTES E IMORTAIS
ABRIU CAMINHO À BOMBA	ALERTA ÀS TROPAS	CRUCIFICA
ESMAGADORES	É PRECISO DAR O SANGUE	DIA DE HERÓIS
DEMOLIDOR	QUERO LUTAR	SEM MEDO



Fig. 6 – Capas de jornais desportivos com a metáforização JOGO É GUERRA

Como podem, pois, os jornais e todos os média evitarem as metáforas de guerra se o desporto (sobretudo o futebol) é assunto diário entre os seus conteúdos?

2.2.3. As guerras no domínio da(s) sobrevivência(s)

Mas não é só no domínio do debate da ação política e no desportivo que a vida quotidiana implica “guerras”, “lutas”, “ataques” e “armas” que assegurem a sobrevivência. “A vida é uma luta quotidiana” assenta na metáfora VIDA É GUERRA e mesmo sendo um lugar-comum, nem mesmo semanários de referência, como o Expresso, ou diários (JN-Jornal de Notícias), pelo impacto que esta metáfora sempre tem, deixam de a utilizar como base para as suas capas (Figuras 7 e 8).



Fig. 7 – Capas do Expresso com a metáfora VIVER QUOTIDIANO É LUTAR (16/7/2021; 11/2/2022 e 6/8/2021)



Fig. 8 – Capas do JN com a metáforas VIVER QUOTIDIANO É LUTAR (14/2/2022; 9/2/2022; 21/11/2021)

Mas aqui, pode defender-se, todas as expressões são entendidas como metáforas: os professores não originaram uma guerra, mas um debate entre governo, oposição e Presidente da República; o ataque à Vodafone não foi com tiros, mas sim uma tentativa e concretização de roubo com danos causados; “bazuca” até está entre aspas, não é uma verdadeira arma; a “guerra” dos concursos públicos não é com pistolas... e o mesmo para as restantes capas.

Aceitemos que nestes casos é mesmo assim e que, por exemplo, em “ataque à Vodafone” é tudo guerra totalmente metafórica, mesmo com roubo e estragos causados. Vejamos, então, casos de guerras com tiros, bombas e canhões reais, como a atual (2022) guerra da Ucrânia.

Para a quase totalidade da perspetiva europeia, a guerra da Ucrânia é mesmo uma guerra real. E os jornais construíram garrafalmente as suas capas com a palavra GUERRA (Figura 9).



Fig. 9 – Capas dos jornais Diário der Notícias, Correio da Manhã e Público de 25 fevereiro 2022

Mas mesmo esta, que a nós nos parece tão real, não é “guerra” para todos: a Rússia proibiu o uso da palavra “guerra” e os habitantes que a usassem poderiam ser presos. Aquilo que para uns é mesmo guerra em sentido “denotativo”, “real”, para outros não é guerra, é “operação militar especial”, dizia a perspetiva russa. E a questão foi considerada importante, sendo debatida no Conselho de segurança da ONU:

No Conselho de Segurança da ONU, o embaixador ucraniano pede à ONU que pare a guerra. O representante russo responde dizendo que não se trata de uma

guerra, mas sim uma operação militar. O embaixador francês “condena nos termos mais veementes” o ataque e diz que “a Rússia fez a escolha da guerra”, enquanto a China considera ser ainda possível uma solução pacífica¹⁶.

A China (que se quer manter neutra) também não usa o termo “guerra” e o Partido Comunista Português (PCP) também o evita. É reveladora a intervenção de João Oliveira, pelo PCP, na Assembleia de República, em 24 fevereiro 2022 (e que a página do PCP ainda apresenta hoje, 21/12/2022)¹⁷ e que tem como título “Defender a paz, travar a escalada de confrontação”. A situação nunca é configurada e referida como “guerra”, mas em termos alternativos: “confrontação política económica e militar, a situação que se vive no Leste Europeu”, “a situação que se vive na Ucrânia (duas vezes)” e “o conflito na Ucrânia”.

Na estratégia russa, o não uso do termo “guerra” não acontece pela primeira vez, mas faz parte de um processo reiteradamente utilizado pelo poder. Não é, portanto, um pormenor de última hora aplicado apenas na invasão da Ucrânia, mas percebe-se que se insere numa estratégia comunicacional de impedir o acionamento do conceito “guerra”:

Desde que Vladimir Putin chegou ao poder, nenhuma intervenção militar russa além-fronteiras (Chechénia 2000, Geórgia 2004, Donbas e Crimeia 2014, Síria 2015) foi apresentada como guerra. Ou se falava em operações antiterroristas ou na defesa de minorias russas, nunca de guerra precedida de declaração formal. O mesmo aconteceu com a Ucrânia, invadida a 24 de fevereiro de 2022 a partir de território russo, bielorrusso e das zonas separatistas ucranianas (Donbas e Crimeia). (Rui Cardoso, *Jornal Expresso online*, 9/5/2022)¹⁸.

Ou seja, estamos aqui, no caso da invasão da Ucrânia, perante aquilo que julgávamos ser uma guerra inquestionável, em sentido prototípico, mas que há quem defenda que não é uma verdadeira guerra. Ao aplicar-se à situação a palavra “guerra” haverá, nessa perspetiva, um desvio semântico do protótipo guerra, quase se sugerindo que é guerra apenas em sentido “desviado”, “figurado”, bastante metafórico.

Esta posição russa, aparentemente incompreensível, de não permitir chamar guerra àquilo que é, para todos os outros, inquestionavelmente uma guerra, só é possível porque leva ao extremo o que cognitivamente intuímos: há graus entre uma guerra-guerra e uma meia-guerra, uma guerrinha e uma guerra apenas metafórica. O conceito de guerra (como todos os conceitos) é de estruturação prototípica, não por CNS e, portanto, é gradativo, não dual (metafórico ou não metafórico).

¹⁶ DN online, <https://www.dn.pt/internacional/hora-a-hora-todos-os-passos-da-acao-militar-russa-na-ucrania-14621744.html>, consultado em 21/12/2022.

¹⁷ <https://www.pcp.pt/defender-paz-travar-escalada-de-confrontacao>

¹⁸ <https://expresso.pt/guerra-na-ucrania/2022-05-08-Russia-A-grande-ilusao-de-9-de-maio-8b24c533>. Consultado em 21/12/2022.

Mas o inverso também acontece: querer fazer ver uma metáfora como não metáfora, como concetualização de uma realidade referida por expressões tidas como não metafóricas.

O exemplo mais recente é a forma como os responsáveis públicos e políticos retrataram a luta contra a Covid-19¹⁹ com sistemáticas expressões de guerra. Em abstrato, poder-se-ia pensar que a distinção era evidente, que a guerra à doença e ao vírus era uma guerra metafórica. Mas, mais realisticamente, pode constatar-se como a intenção era a de que a população não a encarasse apenas como uma guerra metafórica, mas como se fosse mesmo uma guerra real. Vários atores políticos, em variadas intervenções, acentuaram a necessidade de interpretar a metáfora com o seu sentido prototípico, como se o respetivo referente fosse uma verdadeira guerra.

Um dos melhores exemplos é o discurso do Presidente da República, em declaração solene ao país, usando a figura constitucional do Estado de Emergência (que costuma ser reservado para situações de guerra). Uma das primeiras afirmações da declaração é precisamente a de vincar que a situação não é uma guerra metafórica, mas real, “verdadeira guerra”: “Esta guerra, porque de uma verdadeira guerra se trata”. E depois todo o discurso continua na mesma ótica de guerra muito mais real que metafórica:

“só a unidade permite travar e depois vencer guerras”, “ir o mais longe e o mais depressa possível nesta luta desigual e quanto mais depressa formos, mais depressa poderemos salvar vidas”; “Nesta guerra, como em todas as guerras, só há um efetivo inimigo. Invisível, insidioso e por isso perigoso, [...] Temos que lutar todos os dias contra ele. [...] Tudo o que nos enfraquecer e dividir nesta guerra alongará a luta e torná-la-á mais custosa e dolorosa.”²⁰

A finalidade do discurso foi atingida, porque a imprensa, na maior parte das vezes, fazia transparecer a temática de uma verdadeira guerra, tanto no corpo dos artigos como em títulos de capa (Figura 10).



Fig. 10 – Capas da revista Sábado e jornal O Jogo

¹⁹ Ver a análise das metáforas usadas para referir a Covid-19 em Teixeira 2020.

²⁰ Excertos da Declaração do Estado de Emergência de 18 de março de 2020. Disponível na Página Oficial da Presidência da República, <http://www.presidencia.pt/?idc=21&idi=176060>. Consultado em 27/12/2022.

O Editorial de um dos jornais diários mais vendido (*Jornal de Notícias*), intitulou-se “*Juntos nesta trincheira*” (19/3/2020), e acentua as expressões de guerra entendidas como bastante mais próximas da realidade do que da metáfora:

Como tão apropriadamente o caracterizou o presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, na comunicação solene que fez ao país para explicar os contornos da declaração do estado de emergência, estamos no meio de uma guerra. [...] Porque não há outra forma de vencer esta guerra que não seja deste modo: juntos, numa trincheira invisível a disparar coragem sobre um inimigo que não tem rosto. (*Jornal de Notícias*, Editorial, 19/3/2020).

A própria imprensa teve a percepção de que o discurso jornalístico (entenda-se o sentido lato da expressão) tendia a interpretar “guerra” em sentido mais real que metafórico e a prova disso foi a discussão precisamente sobre este aspeto:

Ao contrário do que se diz, isto não é uma guerra. Nas guerras perde-se ou ganha-se. Nisto, pondera-se o impacto da doença e da cura. E é por isso que os políticos não podem ser comandados pelo medo das pessoas, por mais insuportável que seja a pressão. (Daniel Oliveira, “Não morrer da cura”, *Expresso* 21/3/2020)²¹.

O debate sobre se era guerra real ou metafórica generalizou-se, como, em síntese, o jornal *Sol* indica:

Marcelo Rebelo de Sousa utilizou oito vezes a palavra guerra, na comunicação que fez ao país, para definir a crise que estamos a atravessar devido ao coronavírus. O Presidente da República não tem dúvidas de que estamos a enfrentar «uma verdadeira guerra». Não foi o primeiro a associar a Pandemia da Covid-19 a uma guerra, mas há quem considere um exagero e um excesso de linguagem. «É preciso ter cuidado com os excessos», afirmou Pacheco Pereira, na TVI 24. [...]. O social-democrata Miguel Morgado também fez um apelo aos políticos para que «não abusem da analogia da ‘guerra’», [...] A ex-secretária de Estado da Educação Ana Benavente também escreveu um post no facebook a contestar o excesso de linguagem. «As palavras não são neutras. Guerras implicam armas que matam, militares e tropas, vencidos e vencedores, campos opostos, barbaridades várias». [...] (Luís Claro, “Faz sentido falar em guerra?”, *Jornal Sol*, 21/3/2020).

Este debate revela o sentimento de que esta metáforização era tipicamente interpretada em sentido “quase literal”, ou seja, não era atribuída grande distância semântica entre o plano metafórico e o plano não metafórico.

3. A difícil ou impossível neutralidade das palavras

Não terá sido por acaso que, no tema sobre a Covid-19, o discurso dominante era o de aproximar os termos “guerra”, “luta” do seu sentido mais prototípico, ou seja, apontar a ideia de que a distância semântica entre metafórico-não meta-

²¹ <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2473/html/primeiro-caderno/opinioao/nao-morrer-da-cura>

fórico era curta. E também não foi por acaso que os mais visíveis fatores dessa aproximação foram os representantes políticos. Esta concetualização permitia-lhes aparecerem no inconsciente coletivo como “generais e comandantes” que “vencendo a guerra levariam o país à vitória”. Não foi também por acaso que os políticos que mais encararam a luta contra o vírus como uma verdadeira guerra foram os que mais subiram de popularidade e os que desvalorizaram a “guerra” (como Trump nos EUA e Bolsonaro no Brasil) desceram nas sondagens. Na imprensa, artigos como “Popularidade: os líderes mundiais que saíram fortalecidos e enfraquecidos da pandemia” constataram este fenómeno²².

É um lugar-comum dizer que as palavras não são neutras. E se o não são na sua referencialidade mais fundamental, mais dificilmente o serão quando implicam processos metafóricos. É que nestes, as relações entre processos linguísticos e cognitivos nunca são simples e põem em diálogo de implicações tudo aquilo a que chamamos percepção, linguagem, conhecimento e concetualização. É por isso que o discurso e as palavras usadas acarretam sempre uma posição, um ponto de vista, por vezes óbvio, outras vezes não tão evidente, mas não menos poderoso. Mostrar o discurso como mais ou menos metafórico faz parte dessas estratégias de referir e transmitir pontos de vista sobre o que se quer apresentar como “a realidade”.

Mas o processo metafórico não pode ser encarado como um “tropo”, uma “figura” para um “estilo” mais ou menos retórico. Ele faz parte de um todo que é o processo linguístico-cognitivo em que (como atrás defendemos, Figura 3) metáfora-metonímia-sinestesia são apenas nomes diferentes de um todo contínuo. E é todo esse contínuo que subjaz ao jogo linguístico com que os média nos apresentam a informação que, escolhendo uma forma, opta sempre por um ponto de vista. Repare-se nesta aparentemente neutra forma de notícia jornalística:

“Sim, os russos tomaram a região de Lugansk, mas a que preço?”, questionou o analista militar em território ucraniano Oleh Zhdanov, observando que algumas unidades russas já perderam até metade dos seus militares.

Até o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, reconheceu na segunda-feira que as suas tropas precisam de “descansar um pouco e reforçar a sua capacidade de combate”. (Diário de Notícias online, 06 Julho 2022.)²³

“Exército” ou “tropas” parecem ser palavras referencialmente equivalentes a “soldados” através de implicações metonímicas de coletivo/individual. Mas perspetivar a guerra entre soldados ou perspetivá-la entre exércitos ou tropas, parece o mesmo, mas não é. Se se referem os soldados, perspetivamos pessoas que na guerra morrem, que podem ir e não voltar. Se se refere o exército (ou as tropas), o caso é diferente: o exército nunca morre, é sempre o mesmo. Regressa sempre. Por isso, é que na notícia acima, para a perspetiva ucraniana é favorável apresentar a outra parte (os russos) como perdedores, como tendo morrido “metade

²² <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/popularidade-lideres-mundiais-apos-pandemia/>

²³ <https://www.dn.pt/internacional/russia-ja-controla-lugansk-mas-a-que-custo-talvez-demasiado-alto-14996245.html>. Consultado em 27/12/2022.

dos seus militares”. Mas para a perspetiva russa, é mais favorável apresentar “o exército” (“as tropas”), porque estes coletivos não morrem, e quando retiram para “descansar um pouco e reforçar a sua capacidade de combate” aparentemente são os mesmos que combateram, portanto os soldados mortos deixam de fazer parte da equação.

Como procurámos demonstrar, é impossível os média evitarem a temática da guerra. Se não for na dimensão real, prototípica, pelo menos ela está sempre presente no dia a dia na dimensão metafórica: A VIDA É UMA LUTA /GUERRA CONTÍNUA, no viver, no desporto, nas ideologias ou na religião. As escolhas dos termos, dos conceitos, e da maior ou menor distanciação semântica entre o metafórico-não metafórico pode implicar visões e perceções diferenciadas de que nem sempre se tem consciência. Querer um “discurso jornalístico absolutamente objetivo”, neutro e sem perspetivas de enfoque da realidade é querer o impossível, porque a linguagem é sempre humana já que só os objetos podem ser verdadeiramente “objetivos”.

Referências

- Barcelona, A. (ed.). (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Black, M. (1993). More about metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp. 19-41). Cambridge: Cambridge University.
- Dunn, J. (2011). Gradient semantic intuitions of metaphoric expressions. *Metaphor and Symbol*, 26(1), 53-67.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Goossens, L. (1990). Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics* 1(3), 323-340.
- Müller, C. (2008). *Metaphors dead and alive, sleeping and awaking: a dynamic view*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Steen, G. (2004). Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition? *Journal of Pragmatics*, 36(7), 1295-1313.
- Teixeira, J. (2005). Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta). *Diacrítica, Série Ciências da Linguagem*, 19(1), 239-280. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/4509>.
- Teixeira, J. (2010). Texto jornalístico e metáforas de vida e morte no futebol. In A. S. Silva, J. C. Martins, L. Magalhães, & M. Gonçalves (Orgs.), *Comunicação, Cognição e Media*, Volume 2 (pp. 305-322). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/11258>
- Teixeira, J. (2018). As cores no processamento do significado: provérbios e sinestesia. *Revista Galega de Filoloxía*, 19, 131-149. DOI: <https://doi.org/10.17979/rgf.2018.19.0.4950>. <http://hdl.handle.net/1822/59148>.
- Teixeira, J. (2020). Metáforas da Vida Cov(t)idiana. *Estudos Linguísticos e Literários*, 69, núm. esp., 21-51. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/72238>.
- Teixeira, J. (2022). Cores, Significado Linguístico e Cognição: das Imagens Mentais e Sinestesia à ‘Sintonímia’. In H. Batoréo (Coord.), *Linguagem-Cognição-Cultura: Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa (Português Europeu e Português do Brasil)* (pp. 191-212). Lisboa: Edição Universidade Aberta. <https://hdl.handle.net/1822/78561> ISBN 978-972-674-922-6, (livro-DOI <https://doi.org/10.34627/uab.cc.17>).

Resumo

As expressões de guerra são inevitáveis no quotidiano dos média: guerras em sentido prototípico (como a atual, 2022, a da Ucrânia) ou em sentido metafórico, como as do desporto (em Portugal, maioritariamente o futebol) ou das “lutas quotidianas” pela sobrevivência.

Aparentemente, a temática guerra real-“guerra” metafórica não implicará ambiguidade, até porque a tradição clássica da Retórica parte do axioma de que, na linguagem, o plano literal não se confunde com o plano figurado.

Este texto parte de uma ótica divergente da Retórica clássica, numa linha que defende não existir uma separação dual, rígida, entre metafórico e não metafórico, mas sim graus de metafóricidade diferenciados, sendo esta entendida como uma distanciação dinâmica e variável no plano não figurado-figurado (ou denotação-conotação, não metafórico-metafórico).

Defendemos, assim, que, no caso do discurso sobre conflitos, a mesma situação pode ser apresentada como “guerra”(real) e como “não-guerra” (guerra apenas metafórica) tendo, portanto, o discurso poder manipulador na construção dos conceitos que se veiculam.

Abstract

Expressions of war are inevitable in the daily life of media: war in the prototypical meaning (such as the current one, 2022, in Ukraine) and in a metaphorical meaning, such as those in sports (in Portugal they appear mainly when the theme is football) or “everyday fights” for survival. Apparently, the thematic real war-metaphorical “war” does not convey ambiguity, since the classical tradition of Rhetoric is based on the axiom that, in verbal language, the literal plane is not confused with the figurative plane.

This text starts from a divergent perspective of classical Rhetoric, because it argues that there is no dual or rigid separation between metaphorical and non-metaphorical language, and admits that there are different degrees of metaphoricity, which is understood as a dynamic and variable distance between non-figurative-figurative plane (or connotation-denotation, not metaphorical-metaphorical planes).

We therefore argue that, in the case of discourse on war and conflicts, the same situation can be presented as “war” (real) and as “non-war” (only metaphorical war) and, therefore, the discourse can have manipulative power in the construction of transmitted concepts.

